

Boletim Informativo da Federação Portuguesa  
da Ordem Maçónica Mista Internacional Le Droit Humain

# O DIREITO HUMANO

SOLSTÍCIO DE VERÃO 2018, ANO 8, Nº 18





**Neste Número:**

Editorial

Notícias

Sínteses dos temas, elaboradas pelas LL.: no A.: M.: 2017-2018:

Tema Social - A Ética e o Conhecimento Maçónico ao Serviço dos Novos  
Desafios da Sociedade Contemporânea

Tema Simbólico - O Acender das Luzes

Do Punho do Ir.:

Espiritualidades, Ritos e Rituais — MJT, M.: M.:

O Quarto Pilar— JH, M.: M.:

O Percorso Iniciático e a Loja — MJF, M.: M.:

Celebração do S. João de Verão — D.F., M.: M.:

Poesia: Ítaca, Konstantinos Kavafis

---

Capa: Alexander Slade, 1754. *Um Maçon livre constituído pelas ferramentas da sua Loja*

---

Conselho Editorial: - Conselho Nacional

Comissão de Comunicação

Alexandre Martins

Maria João Figueira

Maria José Tavares

Raquel Reininho

---

Cada artigo mantém a ortografia usada pelo autor

---

Contacto para sugestões e colaborações: [comunicacaofpdh@gmail.com](mailto:comunicacaofpdh@gmail.com)

---

Disponível no site da Federação Portuguesa: [www.direito-humano.pt](http://www.direito-humano.pt)



No presente boletim vimos uma vez mais divulgar as sínteses dos temas social e simbólico do ano maçónico 2017/2018. E que belas reflexões!!!

Na síntese do tema social, “A ética e o Conhecimento Maçónico ao Serviço dos Novos Desafios da Sociedade Contemporânea” podemos encontrar reflexões que nos fazem viajar da sabedoria dos clássicos à análise dos contemporâneos, dado que ética e conhecimento são temas caros e fulcrais no pensamento ocidental. E após esta viagem podemos mergulhar em reflexões de carácter maçónico que ilustram e esclarecem, de forma profunda, a senda a que nos entregamos, utilizando o conhecimento e os preceitos da boa ética, para trabalhar em prol da humanidade. Podemos assim constatar que o “O Ethos maçónico aponta para que os membros desta Fraternidade Iniciática de tradição milenar usem a sua verdadeira riqueza - o Conhecimento, na adoção de uma atitude mais pró-activa na defesa de uma sociedade mais justa onde a honra, a solidariedade, a equidade, se tornem visíveis e onde os valores da Liberdade, Igualdade e Fraternidade sirvam de farol face aos desafios colocados a todos nós, face às alterações constantes e às mudanças de paradigma do mundo em que vivemos.” Mas este caminho, nunca o devemos esquecer, deverá ser sempre uma boa simbiose entre individual e colectivo, já que “A Maçonaria e o Maçon são a mesma coisa, senda e peregrino.

Nestas reflexões estão também muito presentes os desafios que se nos colocam no mundo de hoje e que, nas suas relações entre ética, ciência e desenvolvimento tecnológico, nos alertam para a premência de as nossas reflexões se centrarem nos problemas hodiernos; iluminados pela nossa tradição esotérica, temos consciência de que “Não há novos combates que nós tenhamos de travar que os nosso antigos Irmãos não tivessem enfrentado. São sempre os mesmos combates que continuam ou renascem sob formas ou aspetos diferentes.” E que os desafios que se nos colocam são vastos e que, na nossa sociedade de hoje, espreitam formas negras, muitas das vezes em formas de poder, que destilam o seu ódio a tudo que é progresso. É pois bem verdade que: Há tanto para dizer e tanto para fazer!... “

A síntese do tema simbólico, “O Acender das Luzes”, traz-nos múltiplos cambiantes da simbologia da luz e das trevas em maçonaria, tanto que, no seu cerne, “o acender das luzes, como parte fundamental do ritual de abertura dos trabalhos, é pura magia e é fundamental que o maçom que transporta o fogo o faça com o respeito consciente de estar a participar num processo de transfiguração de um espaço físico num templo”. Aqui se lança luz sobre muitos dos símbolos presentes no templo e da importância da luz, que na sua capacidade prometaica, se transforma em esclarecimento, pois que “o conhecimento, à semelhança da luz, dissipa as trevas da ignorância e da indiferença”.

“Do Punho do Ir.º.” é um espaço deste boletim onde se pretende divulgar trabalhos de Ir.º e Ilaa.º com qualidade relevante, sobre temas tão diversos como: “Espiritualidades, Ritos e Rituais” “O Quarto Pilar”, “O Percurso Iniciático e a Loja” ou “a celebração do S. João de Verão” e que seja uma forma de partilha do que de melhor se produz pelo punho dos nossos membros.

Em “Notícias” divulgamos acontecimentos a que estivemos ligados, como a conferência sobre os 125 anos da nossa Ordem, organizada pela R.º.L.º. Liberdade, uma exposição “Entre o Céu e a Lua” da nossa Ia.º. Dulce Martins e o lançamento de um livro, “Luz e apogeu” de António Telmo.

Esperamos que, tanto “Do Punho do Ir.º.”, como “Notícias”, sejam rubricas a ser enriquecidas em próximos boletins por eventos e trabalhos relevantes da nossa vida maçónica.

Recebam o meu forte TAF

**Raquel Reininho**

Pres.º. do C.º.N.º. da F.º. Port.º. da O.º.M.º.M.º.I.º. Le DROIT HUMAIN, O Direito Humano

## Notícias



Maria da Graça e Raquel Reininho

### Celebração do 125º Aniversário do D.:H.:

Para assinalar o 125º aniversário da criação da Ordem maçónica Mista Internacional LE DROIT HUMAIN, O Direito Humano, teve lugar no Hotel Real Parque, em Lisboa, no dia 4 de Abril de 2018, um jantar branco seguido de uma conferência em que foram oradoras a M.:III.: Irª.: Maria da Graça Gomes, M.:P.:G.:C.: e representante do Sup.: Conselho para a Fed.: Portuguesa, bem como a M.:R.:Irª.: Raquel Reininho, Presidente do C.: N.: da Federação Portuguesa do D.:H.:.

A organização foi tomada pela R.:L.: Liberdade e correu de forma muito organizada e fraterna.

A organização foi tomada pela R.:L.: Liberdade e correu de forma muito organizada e fraterna.

*“Permaneçam unidas! Ajudem-se! Socorram-se! E nunca deixem que se rompa a sua Cadeia de união. Eu deixo-vos o templo inacabado, mas persigam, entre Colunas, o Direito da Humanidade”.* Marie Desraismes. Estas foram as suas últimas recomendações na véspera da sua transição para o Or.:Et.:.

### Entre o Céu e a Lua

Foi inaugurada no dia 12 de Maio e esteve patente ao público no Museu do Oriente até 27 de Maio a exposição de pintura subordinada ao tema “Entre o Sol e a Lua” da N.: Q.: Ira.: Dulce Martins.

Nascida em Lisboa em 1953, iniciou-se na pintura aos 16 anos como autodidacta. Após um longa paragem, regressa à pintura, com pinturas/paisagens de Timor Leste a pastel de óleo, dedicadas a sua mãe. Decidida a aprofundar conhecimentos, estuda Pintura e História de Arte, bem como Aguarela e Perspectivas e Pintura de Retrato.

Participou em exposições individuais e coletivas. Encontra-se representada em várias instituições públicas e privadas em Portugal e no estrangeiro.



Entre o Sol e a Lua - obra que deu título à exposição, óleo sobre tela.

### Luz e apogeu

Em 20 de Junho de 2018, no Museu Maçónico Português, do GOL, foi lançado o Volume IX das Obras Completas de António Telmo, *A Aventura Maçónica e outros textos sobre a Arte Real*, prefaciado pela N.:Q.:Ira.: Risoleta Pinto Pedro.

*“Perante uma casa cheia, tornou-se notório que o filósofo da razão poética vai granjeando o surgimento de novos leitores. [...] Mesmo que alguém só muito dificilmente seja profeta na sua própria terra, a obra daquele que os maçons espanhóis põem ao lado de René Guénon, Joseph de Maistre ou Pascoal Martins, e que um notável poeta brasileiro, Ângelo Monteiro, próximo do grande Suassuna, já pusera a par de Ibn Arabî, pode justamente reclamar uma atenção que não se quadra com os limites de um quintal, mesmo que este nos surja como um jardim plantado à beira-mar”* [Pedro Martins, [www.antonio-telmo-vida-e-obra.pt](http://www.antonio-telmo-vida-e-obra.pt)].





## **A Ética e o Conhecimento Maçónico ao Serviço dos Novos Desafios da Sociedade Contemporânea**

Há tanto para dizer e tanto para fazer!...

Talvez falar desta Europa Comunitária que eu tanto aprecio, mas que se perde e afasta dos caminhos da equidade, da justiça e da fraternidade...

Esta Europa dominada pelos grandes lóbis, das multinacionais e dos interesses financeiros, que se esquece que o Ser Humano deve estar no centro das decisões e das preocupações.

*“Nós não podemos mudar nada se não aceitarmos a mudança.”*

Carl Jung

De acordo com Frédéric Lenoir, “a palavra ética designava, para os gregos, o conjunto dos comportamentos e costumes cuja consolidação profunda dá ao Homem uma segunda natureza”.

Palavra de origem grega, ÉTICA é usualmente definida como um conjunto de princípios universais que determinam códigos de conduta do indivíduo, no respeito pelo mundo que o rodeia, sejam seres humanos ou outros elementos da natureza, garantindo o seu bem-estar. É construída, ao longo da história, em paralelo com os valores e princípios morais de determinada sociedade. Assim há diferenças de códigos de ética de país para país. Por exemplo,

num país sacrificar animais para pesquisa científica pode ser ético e noutro pode não o ser.

Sendo a ÉTICA um conjunto de valores morais e princípios que norteiam a conduta humana na sociedade, isso quer dizer que a ÉTICA está relacionada com o sentimento de justiça social e tende, portanto, a julgar o comportamento moral de cada indivíduo na sociedade em que vive, já que cada sociedade e cada grupo possui os seus próprios códigos de ÉTICA. Podemos considerar que, a partir de uma ÉTICA individual, se constrói um valor social e deste se elabora a lei quando aquele valor já se encontra consolidado na sociedade em causa.

A ÉTICA surgiu no seio do pensamento clássico grego no século IV a.C., quando o filósofo Sócrates demonstrou que ela seria sempre o juiz individual das normas morais. O homem deve seguir essas normas, não somente por educação ou por tradição, mas por convicção e em razão de sua própria reflexão. Podemos então perceber que os filósofos, desde a Grécia Clássica, foram os primeiros a pensar o conceito de ética, associando ao termo as ideias da própria moral.

Já a MORAL é um conjunto de valores universais que regem a conduta humana e as relações saudáveis e harmoniosas e está relacionada com os bons costumes. Ela está associada aos valores e convenções estabelecidos coletivamente por cada cultura ou por cada sociedade a partir da consciência individual; distingue o bem do mal, a violência dos atos de paz e de harmonia. Os princípios morais como a honestidade, a bondade, o respeito, a virtude, determinam o sentido MORAL de cada indivíduo.

Então, temos que a MORAL orienta o comportamento do homem diante das normas instituídas pela sociedade ou por determinado grupo social e diferencia-se da Ética no sentido de que esta tende a julgar o comportamento moral de cada indivíduo no seu meio. Podemos talvez concluir que ÉTICA e MORAL têm como finalidade o bem-estar social.

Os princípios éticos balizam a conduta do indivíduo, visam proteger das injustiças e do desrespeito a sociedade e o planeta, casa de todos os que nela habitam, irmãos na GRANDE OBRA DA CRIAÇÃO. Esses princípios estão consignados em dois grandes documentos ÉTICOS: a DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM e a CAR-

TA DA TERRA. Neles se reconhece a interdependência de tudo o que existe, tornando a Terra um organismo vivo que deve ser amado, respeitado e cuidado, com vista à evolução humana ao seu bem-estar.

A ética é uma vertente da filosofia que se dedica a estudar os valores morais e os princípios ideais do comportamento dos indivíduos na sociedade. Nesta estudam-se e observam-se o modo de pensar e agir dos indivíduos, dentro de um determinado contexto. A ética e os seus valores não são normas comportamentais, mas sim um conjunto de princípios que orientam a conduta de um grupo, num determinado espaço temporal. Os valores éticos não são temporais nem iguais de sociedade para sociedade. Considera-se que um determinado comportamento é correto quando tem por mote a felicidade e o bem comum.

Cada indivíduo, integrante de uma determinada organização ou sociedade, deve ter presente o que é correto, qual o seu caminho, deveres e direitos e o que deve fazer para proporcionar a si e aos outros, felicidade. Ações que sejam executadas de forma consciente e livre; o comportamento de cada indivíduo representa o seu carácter, a sua forma de ser.

Os desafios sociais que atravessamos são tantos quantos formas capazes de enumerar.

Hoje, frequentemente, os valores éticos são galgados em detrimento de conquistas pessoais com o intuito de obtenção de poder monetário, político, mediaticismo social...

A sociedade é formada por seres humano que vivem de hábitos e costumes. É dever dos maçons, num certo ponto de vista, fomentar a discussão social dos princípios normativos da conduta humana: promoverem a alteração dos planos curriculares de forma a que as gerações vindouras tenham uma boa preparação ética; promoverem o conhecimento e a consciência de que as suas ações interferem com a vida do seu semelhante e que a maior recompensa pelas suas atitudes é o bem comum.

O grande desafio que se coloca, neste momento, à Maçonaria Universal é o de pôr a ética e o conhecimento maçónico ao serviço da sociedade e do progresso da Humanidade, numa sociedade cada vez mais globalizada e complexa.

Neste mundo de redes sociais onde, aparentemente, todos têm acesso à informação, cada vez são menos os que vão tendo acesso à educação dada a desvalorização da cultura, dos valores humanos e da comunicação

entre as pessoas. Estamos juntos, porém estamos sós, mergulhados na facilidade de um "click" virtual num espaço irreal onde depositamos a nossa própria superficialidade. E parece que nem sequer temos tempo para olhar, refletir, pensar e agir efetivamente.

O Ethos maçônico aponta para que os membros desta Fraternidade Iniciática de tradição milenar usem a sua verdadeira riqueza - o Conhecimento, na adoção de uma atitude mais pró-ativa na defesa de uma sociedade mais justa onde a honra, a solidariedade, a equidade, se tornem visíveis e onde os valores da Liberdade, Igualdade e Fraternidade sirvam de farol face aos desafios colocados a todos nós face às alterações constantes e às mudanças de paradigma do mundo em que vivemos.

Enquanto maçons temos a noção que em todas as eras se procurou o equilíbrio e a perfeição social e em todas elas se verificou que tal não foi possível. No entanto quanto maior for o labor, mais ornamentado e belo será o templo onde nos inserimos.

As nossas raízes, a nossa educação e a experiência que temos da vida e da Via que já percorremos, faz de nós o que somos hoje. E é precisamente isso que

nos torna únicos e distintos dos demais. Todos os obstáculos ou benesses com que a vida e a Via nos presentearam, cimentou o nosso carácter e a visão que temos dos outros e do meio envolvente.

Mas nós, "pessoas livres e bons costumes", mantemos a perseverança de que a mudança parte de nós e que, por pouco que às vezes seja, algum do nosso contributo há de ficar e ser fiel aos princípios da retidão, humanismo e fraternidade. São esses os valores que nos orientam. Tenham por isso, meus queridos Irmãos, Fé! Tenham Fé na Fonte, mas também na mesma dimensão e força em vós próprios e no outro, na capacidade que cada um de nós tem para o aperfeiçoamento. São estes os valores que nos movem!

E estes devem ser transversais e cruzarem-se de forma perfeita, de modo a que se possa levar a cabo uma revolução de valores, vinda de dentro da Ordem, mesmo que gradualmente e com uma cadência adequada, repor as bases fundamentais para um mundo mais harmonioso, onde impere o respeito pelo nosso semelhante, a igualdade dos géneros e oportunidades, onde muitos dos Dias Internacionais deixem de existir porque os direitos são finalmente iguais, onde a discriminação nas suas di-

versas formas deixe de ser um assunto e onde a guerra seja minimizada e não um negócio sujo com que tantos lucram de forma paralela e obscura.

A Ordem Maçónica Mista Internacional LE DROIT HUMAIN, Direito Humano, nas palavras do nosso M.:III.:Ir.: Njordur Njardvik, Grão-Mestre da Ordem de 1977 a 2007, "é por definição esotérica, de acordo com o significado geral desta palavra, quer dizer que ela possui segredos que não são revelados no exterior." No entanto, não devemos utilizar o termo esotérico atribuindo-lhe conotações que lembrem uma oposição ao racional. E acrescenta que "a nossa Ordem é igualmente mística, empregando esta palavra sob a perspetiva de ter um significado sagrado que ultrapassa a compreensão e as experiências humanas normais. A nossa Ordem é mística no sentido em que não podemos julgar, medir, nem compreender quais os efeitos produzidos nos diferentes indivíduos quer pelo Ritual de Iniciação ou pelos Rituais de outros graus. "Isso depende da perspicácia, da compreensão, da educação e da experiência de cada membro. Contudo, a nossa Ordem não se ocupa de ocultismo, de espiritualismo, de aptidões psíquicas, de astrologia, de magia, de teosofia ou de religi-

ão e, seguramente, de nenhum estilo de fundamentalismo.”

A nossa Ordem é não dogmática no sentido em que não doutrina, nem exige qualquer espécie de crença. Pelo contrário, a tensão inicial (no momento da iniciação) assenta no facto de se ser livre – com a liberdade de espírito e de pensamento que conflua com o facto de se abrir para a mudança.

Muito embora a Nossa Ordem seja não dogmática, ensina, subtilmente, que tudo vem do interior e que, apesar de tudo, nós devemos aperfeiçoar-nos. No entanto, o aperfeiçoamento individual não é o principal objetivo, pois a nossa terminologia, os símbolos do Templo da Humanidade e do Progresso da Humanidade, mostram-nos claramente que o nosso objetivo é coletivo. Um ser humano melhor é simplesmente um ser humano que pode contribuir para o aperfeiçoamento da Humanidade. Desta forma, devemos colocar em evidência o que temos em nós de bom e com isso agir junto dos outros. Quanto mais utilizarmos a nossa sagacidade, a nossa compreensão e o nosso interesse pelo outro, mais poderemos ser úteis ao próximo.

Teremos de ser capazes de elevar o nosso nível de consciência, em Loja e todos os dias, dentro e fora do Templo, no interior e

no seio da Humanidade.

Se, quem quer o conhecimento quer o compromisso, encontra bom lugar na Maçonaria. Quem não se quiser comprometer com o conhecimento, com a própria vida e com a humanidade, não deveria sequer querer ser maçom.

- A Maçonaria e o Maçon são a mesma coisa, senda e peregrino. Assim é qualquer tradição de ascese.

- Quebrar a aparente barreira não só entre tradições espirituais, como entre profano e sagrado. Não existe essa separação. É apenas circunstancial e só serve a separação. E caducou.

- Encontrar e comungar de uma ética transversal entre profanos e iniciados, assente no Amor, na Paz e no Perdão.

A Maçonaria serve a ascese pessoal, para que elevemos a frequência. A frequência elevada ao Amor, à Paz e ao Perdão, faz do serviço uma Arte... e a Arte é Real.

O serviço ou Arte resume-se a Ser. Ser vivo, ser inteiro, ser íntegro, ser Humano.

É o maior serviço, a maior Arte pelo Bem de todas as nossas relações.

Não tenhamos medo.

.... Sejam autênticos, verdadeiros e inspiradores.

...que belo contributo para os maravilhosos desafios da nossa sociedade atual.

Não há nada errado.

Há só que entender, integrar... Ver.

A Maçonaria dos séculos XVIII e XIX professava esta conceção, de que hoje ainda somos subsidiários, de que o conhecimento da ciência e da técnica é libertador e proporciona a existência de uma humanidade racional e livre.

Todos os filósofos de então, desde Descartes a Adorno, embora com posições mais otimistas ou mais críticas, têm uma ideia central comum: a de que a ciência e a técnica são um objeto ou instrumento ao alcance do homem. Esta ideia positiva vai ser questionada por Heidegger. A questão que Heidegger levanta é de consequências tenebrosas para a humanidade. Levanta a seguinte hipótese: “e se a técnica em vez de ser um instrumento e um objeto ao serviço dos homens se tornar sujeito e sujeitar o próprio indivíduo aos seus desígnios e, ao ganhar autonomia, funcionar como um verdadeiro demiurgo produzindo um novo mundo e fabricando o próprio homem?” Heidegger afirma que a técnica não é um instrumento ou meio, mas sim um elemento coligado e uma espécie de armadura que

modela e instaura o homem à sua medida e de acordo com a sua necessidade e, ao mesmo tempo, instaura a realidade como instrumento de acumulação e stock para consumo.

A Maçonaria não pode ficar indiferente a esta realidade que envolve a ciência e a tecnologia. Não podemos continuar a invocar o carácter prometaico da ciência e da técnica quando este está completamente, no mínimo, desvirtuado. Há que recen- trar o homem nos desígnios da utilização da tecnologia. Voltar a restituir à ciência e à técnica a sua função de redimir a humanidade.

Agir eticamente é realizar-se, aperfeiçoar-se, é elevar-se a di- mensões superiores.

“É-SE o que se Faz e para se SER tem de se Fazer.”

Saibamos, pois, honrar a inteli- gência de Seres Humanos com Valores na construção do Futuro da Humanidade.

A IGUALDADE no direito de todas os seres criados serem ama- dos, respeitados e cuidados, re- mete-nos para a FRATERNIDADE que deve existir entre o Homem e esses seres, enquanto irmãos da GRANDE OBRA DA CRIAÇÃO.

Quando nos tornarmos recetá- culos ativos dos valores maçóni- cos, poderemos servir de espe- lho para a virtude e, só assim,

conseguir mudar o mundo.

Será que os combates do século XXI serão assim tão diferentes dos combates dos maçons dos séculos precedentes?

O combate do franco maçõn do século XIX ou XX será assim tão diferente do combate de hoje?

Não há novos combates que nós tenhamos de travar que os nos- so antigos Irmãos não tivessem enfrentado. São sempre os mes- mos combates que continuam ou renascem sob formas ou as- petos diferentes.

É certo que os maçons do sécu- lo XVIII não eram chamados a refletir sobre o aquecimento global climático, mas eles «planchavam» como melhorar a saúde coletiva,

resolvendo o problema dos sí- tios nauseabundos que provoca- vam toda a espécie de doenças e sobre muitas outras condições sanitárias indignas para os cida- ãos.

Eles certamente não eram con- frontados com o «big brother» em que se transformaram as redes sociais, mas refletiam e agiam em defesa das liberdades e pela igualdade de direitos...

Eles não testemunharam o apa- recimento do terrorismo, como consequência do integrismo re- ligioso, mas já lutavam contra o integrismo da sua própria religi- ão e inventavam a Laicidade!

Eles travaram grandes combates e conquistaram importantes vitórias que se pensava serem para sempre. Mas somos força- dos a reconhecer que não é as- sim.

Após a primeira grande guerra a que chamámos Mundial, pensá- vamos estar protegidos, na Eu- ropa e no mundo ocidental, des- sa extrema direita sanguinária, atentatória dos nossos direitos e valores humanistas e, no en- tanto, em Portugal e na Espa- nha, as Ditaduras prolongaram- se, eternizadas por hábitos e pela hipocrisia das relações di- plomáticas. E a seguir foi a Gré- cia a ser apanhada pela Ditadu- ra dos Coronéis!

Nós pensávamos que os valores humanistas da República e da Democracia estavam gravados para sempre nas nossas Consti- tuições; os povos adormeceram sobre os louros conquistados e aí está a extrema direita a acor- dar de novo para novas revan- ches. Em toda a Europa essas forças retrógradas e obscuran- tistas encontram-se perto do Poder e, nalguns países, já se instalaram e já destilam o seu ódio a tudo o que é humano e progressista.

Sejamos tijolos nesta constru- ção e que a ética seja a nossa argamassa.





## O Acender das Luzes

O Acender de Luzes é um dos símbolos mais representativos da Maçonaria. O ritual do acender das velas é de enorme complexidade uma vez que este representa o instrumento através do qual a Loja se transforma em Templo

A Luz em Maçonaria não é entendida como luz material, mas como a Luz do raciocínio e da razão, buscando o conhecimento e a verdade.

Podemos dizer que as três Luzes da Loja, personalizadas no V.:M.: e nos Vigilantes formam o verdadeiro equilíbrio.

A penumbra em que se encontra a Loja faz-nos refletir em dois aspetos. O primeiro é que luz e trevas não se opõem, não são antagonistas.

A Luz está simbolizada na chama sagrada que se encontra no altar e é acesa pelo Gr.:Experto antes do início da sessão. É a partir dela que o Templo se irá iluminar.

O percurso da Luz vai sendo acompanhado pelas palavras do Venerável que invoca a Sabedoria para iluminar os trabalhos, do 1º Vigilante que invoca a Força com que nos entregamos à construção e do 2º Vigilante que invoca a Beleza de uma obra levada a bom ter-

mo em harmonia. Cada um expressa uma dimensão humana da manifestação da Luz, que surge sob a forma ternária. O M.: de Cerimónias, a cada invocação, bate no solo com o seu bastão.

Várias são as luzes do templo. Algumas dispensam a humana intervenção, como o sol e a lua. Outras são representadas por presenças humanas: o V.:M.:, os 1º e 2º Vigilantes junto dos quais uma luz é acendida na forma de fogo, respetivamente a Oriente, a Ocidente e no Sul. Por esta ordem na abertura dos trabalhos, na ordem inversa no encerramento.

Há quem considere outro grupo de três luzes, essas em forma de objeto, como são o Livro, o Esquadro e o Compasso.

O acender das luzes, como parte fundamental do ritual de abertura dos trabalhos, é pura magia e é fundamental que o maçom que transporta o fogo o faça com o respeito consciente de estar a participar num processo de transfiguração de um espaço físico num templo, com tudo o que um maçom não desconhece que isso implica. Sem isso, quer o gesto de transportar a luz, quer o gesto de observar não passam de atos que qualquer incendiário ou pirilampo poderiam desempenhar. Tra-

ta-se muito mais que do rigor do gesto, do rigor do sentimento que acompanha e molda o gesto.

Quando falamos do acender das luzes, referimo-nos também às luzes da Iniciação.

Na base mais profunda do pedido que um profano faz de ingresso na nossa Ordem, encontra-se um sentimento que tem acompanhado a humanidade desde tempos muito remotos: - a certeza de que algo se encontra para lá do visível, na obscuridade, e que nos ajudará a encontrar a completude, a iluminação.

Para ousar pedir a Luz, o profano tem que ter passado pelo sentimento de necessidade de buscar algo, de incompletude e insatisfação. De ter passado pelas trevas, pela Caverna, simbolicamente o útero materno, o regresso ao período de gestação, onde tudo é unidade e uniformidade e onde é confrontado com a dissolução simbolizada pelo confronto com o sal, o enxofre e o mercúrio.

O iniciado busca a Luz, porque ela é para ele o símbolo do Princípio e do Absoluto. A jornada da alma, do berço à passagem ao Oriente Eterno, é a busca voluntária de um caminho de vida, que procura libertar-se de

todas as suas zonas de sombra para se elevar espiritualmente em direção a esta Luz inefável.

Diz-nos Irene Mainguy: «A franco-maçonaria apresenta um percurso original visando o despertar ou o reativar a interioridade do ser para propiciar a abertura de sua consciência, cuja principal constante simbólica será um caminhar na escuridão em direção à Luz.»

Nas provas de iniciação, só depois de sermos confrontados com as forças do mundo subterrâneo, podemos ousar pedir a Luz. Só depois dessa passagem ocorre o renascimento. No entanto, nesse momento ainda estamos de olhos fechados e a Luz ainda não se revelou. Apenas é pedida, mas teremos de estar puros para a merecer.

*É parte da verdade que oculto*

*Que procurando, se descobre,*

*Exige nobreza sem ser nobre*

*Vem da pobreza sem ser pobre,*

*Filha do silêncio, não do tumulto.*

A cerimónia de acender das velas obedece a alguns princípios que seguem as antigas tradições. O Fogo Sagrado deverá vir do Oriente, pois toda Sabedoria e toda Luz vem do Oriente.

O ritual do acender as velas transforma o espaço sagrado e é dum enorme simbolismo porque a vela representa o instrumento através do qual o espaço da Loja se transforma em Templo. Por isso, a prática ritual do acender das luzes seja de uma dignidade espiritual ou esotérica, conforme o ponto de vista em que se colocar, tem de ser particularmente sentida por cada um e pelo coletivo.

Na maçonaria, o acender das luzes é a aprendizagem da humildade. A humildade é afeto, é amor.

As velas são usadas desde a mais remota antiguidade, sendo usadas pelos antigos povos como iluminação ou com fins iniciáticos ou religiosos. A vela não é um símbolo criado pela Maçonaria, sendo emprestado da Igreja Católica e adotado por ela, que também a copiou dos antigos e deu a sua própria versão.

Na Maçonaria as velas participam de um simbolismo muito profundo aquando da invocação do Grande Arquiteto do Universo, no início, durante e no final de uma sessão ritualística.

No Rito Escocês Antigo e Aceito, o Mestre Grande Experto faz o acendimento das velas sempre de forma ritualística, levando a luz que está no Altar até às colu-

nas do Venerável Mestre e dos Vigilantes, para depois fazer a abertura do Livro Branco e da Constituição Internacional, colocando a seguir o esquadro e o compasso, de acordo com o grau da Sessão que está sendo realizada.

O uso de velas nos nossos trabalhos tem, também, outra simbologia, como seja, a luz propiciada pela chama que significa a sabedoria, especialmente a compreensão esotérica, a iluminação pessoal do Maçom que busca a luz do conhecimento em todos os seus trabalhos porque o conhecimento, à semelhança da luz, dissipa as trevas da ignorância e da indiferença.

Na Maçonaria, assim como em outras instituições iniciáticas, místicas, esotéricas, filosóficas e religiosas, o fogo, a chama e a luz são símbolos de profundo significado. Nas iniciações, um dos batismos do candidato é feito pelas chamas do fogo, simbolizando a queima das impurezas que a água não consegue tirar.

A Maçonaria moderna utiliza principalmente a simbologia para explicar aos seus iniciados a transferência de conhecimentos maçônicos e, desta forma, garantir a sua perpetuação ao longo dos tempos. Utiliza fre-

quentemente metáforas para poder transmitir as suas teorias, conceitos e ideais. A Ordem Maçônica assenta em três pilares básicos: a Sabedoria, a Força e a Beleza.

A **sabedoria** é a mãe geradora das idéias; é a inteligência que concebe o projeto do edifício, representando com clareza a obra, conforme deve ser realizada.

A **Força**, em Loja é representada pelo Primeiro Vigilante que tem como objetivo a execução dos projetos do Venerável Mestre. Esta força é aquela que tem origem na vontade, na certeza de que o homem existe para ser feliz. Para alcançar este objetivo deve concentrar as suas energias na construção de um mundo melhor, a partir do seu aperfeiçoamento como Ser Humano.

A **Beleza**, que na Loja é representada pelo Segundo Vigilante, tem como principal objetivo embelezar as ações dos Irmãos e Irmãs na busca dos objetivos traçados e projetados pelo Venerável Mestre e executados pelo Primeiro Vigilante.

As luzes da maçonaria devem iluminar o mundo profano, cada maçom deve também levar para o mundo profano as luzes da loja e da maçonaria, pois deve ser exemplo e guia, deve irradiar influenciar o mundo profano

com os valores que defende, os valores da maçonaria.

A luz é o que torna tudo visível, o que torna visível a matéria, o que faz mover toda a vida na terra. Dar à luz significa dar vida.

No Egito a Lua e o Sol representavam as mais visíveis luzes do universo, associadas ao deus Rá ou ao deus Hórus.

A nós, Maçons, compete apenas abrimos o canal espiritual para recebermos esta energia. Uma vela dentro da nossa ritualística, quando acesa, funciona como um emissor repetidor das vibrações mentais nela enfocadas e concentradas.

Segundo algumas interpretações consideram-se como Luzes da Maçonaria o Sol, a Lua e o Venerável da Loja. Noutras interpretações, as três grandes luzes são a Bíblia, segundo ainda outras interpretações são o Esquadro e o Compasso (as inanimadas), havendo três grandes luzes pessoais: o Venerável Mestre, o Primeiro Vigilante e o Segundo Vigilante, havendo, em cada um dos respectivos pedestais uma vela, simbolizando, respetivamente, a Sabedoria, a Força e a Beleza.



## Espiritualidades, Ritos e Rituais



*"Costuma dizer-se que, quando alguém busca um tesouro que por qualquer motivo não está destinado a ele, o ouro e as pedras preciosas se convertem diante de seus olhos em carvão e pedras vulgares"*

*René Guénon*

### Dos Ritos

Para Guénon, os ritos são símbolos em acção. Etimologicamente, o Rito assume várias acepções, nomeadamente no que concerne àquilo que é conforme à Ordem, sendo um conjunto de actividades organizadas, em que as pessoas se expressam através de gestos, símbolos, linguagem e comportamento, transmitindo um sentido coerente ao ritual. Na história do Homem, distinguimos três tipos de Ritos considerados mais relevantes: os ritos de fecundidade, que asseguram o renascimento da Natureza; os ritos religiosos, que asseveram a manutenção do mundo e dos homens; os ritos iniciáticos, que confirmam a passagem da consciência humana do profano ao sagrado.

Em Maçonaria, diz-se do estilo das cerimónias das diversas obediências. Se-

gundo o Abecedário Simbiótico de José Adelino Maltez, rito "é um conjunto de elementos simbólicos que são gestos (sonoros ou gráficos), com os quais se praticam as cerimónias e se conferem e comunicam os sinais, toques, palavras e segredos de cada grau. É a base de identidade de uma obediência e o quadro do seu funcionamento iniciático, compreendendo conceitos fundamentais e práticas simbólicas que organizam e regulam o trabalho nas lojas e lhe dão sentido. Se há um tronco comum de símbolos, donde todos derivam, foram surgindo vários modelos diferenciados, havendo cerca de centena e meia de ritos reconhecidos. Entre os 52 ritos inventariados por Jean Marie Ragon, há dois principais: O Rito Escocês Antigo e Aceito (R.: E.:A.:A.:), o mais usado no mundo maçónico e que é maioritariamente



Edição de selos sobre a Maçonaria. Correios do Brasil

“O homem que não atravessa o Universo das suas paixões também não as ultrapassa” afirma Carl Jung. Assim, será através da prática repetida do Ritual que o Maçom faz o caminho de descida aos Infernos das suas paixões e, em seguida, depois de se ter confrontado com os seus inimigos escondidos e de os ter vencido, o percurso de retorno, desbastando todas as arestas, medindo, aparando e burilando a sua pedra, para poder juntar-se ao edifício que é a Maçonaria Universal.

Do ponto de vista etimológico, o termo ritual significa “consistente com a ordem cósmica”. É sagrado tudo o que integra e faz viver o Todo na parte, o Infinito no finito, a ordem cósmica num ser particular. As-

praticado no Grande Oriente Lusitano, um modelo estabelecido a partir de 1761, e o Rito Francês (R.:F.:), surgido em 1771 e sistematizado em 1786 pelo Grande Oriente de França (G.:O.:F.:). Na Ordem Maçónica Mista Internacional Le Droit Humain, Direito Humano, temos o R.:E.:A.:A.: e o Rito Lauderdale, este com expressão em algumas Lojas espalhadas pelo Mundo (em Portugal, uma Loja).

É através da prática do ritual que o profano deixa de o ser, integra o Templo e passa a ser um Irmão. Este ritual é, simultaneamente, um ritual de agregação e também um ritual de passagem. Agregação à Loja e passagem a um estado superior de consciência, no qual o profano, agora maçom, toma consciência do caminho a percorrer.

### Dos Rituais...

*“Os rituais exigem que se tenha fé neles antes que se possa começar a compreendê-los”.*

Fernando Pessoa

O Ritual desempenha um papel tão importante na Maçonaria que é este que permite ao Maçom fazer o seu percurso iniciático, sob o lema “LIBERDADE; IGUALDADE e FRATERNIDADE”.



Selos comemorativos dos 300 anos da Criação da Grande Loja de Inglaterra, Correios da Ilha de Man



A “pessoa” profana é feita da tecitura cerrada dos condicionamentos familiares, culturais, profissionais e outros, inscritos desde a concepção do indivíduo e também dos condicionalismos transmitidos pela hereditariedade.

A “pessoa” sagrada edifica-se sobre a base dos novos condicionamentos gerados pelo trabalho em loja, pelos estudos tradicionais e pelas práticas individuais. Toda a experiência instala novos condicionamentos, cujas componentes se chamam critérios, valores, crenças, estratégias, processos.

Rémi Boyer refere ainda que a

clivagem iniciática do sujeito não perdurará na ausência de práticas adequadas. Na maior parte das iniciações ocidentais, podemos considerar que uma cerimónia, mesmo que conduzida sem consciência e de forma cenográfica, produz o efeito de clivagem. Mas na maior parte das Ordens iniciáticas, os exercícios propostos, quando existem, são mais de natureza espiritualista do que iniciática.

E aqui lembramos uma máxima hermética:

*“Os lábios da Sabedoria só se abrem aos ouvidos do entendimento.”*

Se guardarmos um livro durante 10 anos e volvidos esses anos vamos

lê-lo, vemos a diferença do que nós conseguimos crescer em Sabedoria, nesse ínterim.

*“Nós não podemos mudar nada se não aceitarmos a mudança.”*  
Carl Jung

A Ordem Maçónica Mista Internacional LE DROIT HUMAIN, Direito Humano, nas palavras do nosso M.:III.:I.: Njordur Njardvik, Grão-Mestre da Ordem de 1977 a 2007, “é por definição esotérica, de acordo com o significado geral desta palavra, quer dizer que ela possui segredos que não são revelados no exterior.”. No entanto, não devemos utilizar o termo esotérico atribuindo-lhe conotações que lembrem uma oposição ao racional. E acrescenta que “A nossa Ordem é igualmente mística, empregando esta palavra sob a perspectiva de ter um significado sagrado que ultrapassa a compreensão e as experiências humanas normais. A nossa Ordem é mística no sentido em que não podemos julgar, medir, nem compreender quais os efeitos produzidos nos diferentes indivíduos quer pelo Ritual de Iniciação ou pelos Rituais de outros graus. “Isso depende da perspicácia, da compreensão, da educação e da experiência de cada membro. Contudo, a nossa



Edição de selos comemorativos do centenário da criação da O.:M.:M.:I.: Le Droit Humain, o Direito Humano. Correios Franceses

Ordem não se ocupa de ocultismo, de espiritualismo, de aptidões psíquicas, de astrologia, de magia, de teosofia ou de religião, e seguramente de nenhum estilo de fundamentalismo.”. A nossa Ordem é adogmática no sentido em que não doutrina, nem exige qualquer espécie de crença. Pelo contrário, a tensão inicial (no momento da iniciação) assenta no facto de se ser livre – com a liberdade de espírito e de pensamento que conflitua com o facto de se abrir para a mudança.

A Nossa Ordem exige o respeito mútuo e rejeita toda a ideia de impor aos seus membros uma doutrina ou um conjunto de crenças, pois cremos que crença ou fé fazem parte do domínio privado e constituem um direito de cada um, da mesma forma de que é um direito de cada um o não ser importunado pelas crenças dos outros.

### **Então de que é que a Nossa Ordem se ocupa?**

Ocupa-se do Progresso humano, tanto individual como co-

lectivo e procura “antes de tudo realizar na terra, e para todos os humanos, o máximo de desenvolvimento moral, intelectual e espiritual, condição essencial para a felicidade que é possível cada indivíduo atingir, numa Humanidade fraternalmente organizada” (Artigo nº3 da Constituição Internacional).

E acrescenta que “ com a ajuda dos nossos Rituais, é suposto sermos capazes de ver mais claramente certos aspectos da nossa realidade interior (...). Há Irmãos e Irmãs tão seduzidos pela beleza dos Rituais que parece pensarem que estes Rituais são em si mesmos um fim e tendem a esquecer que os Rituais constituem um método. E o que há de pior do que um método que não conduz a nenhum resultado? A que é que a beleza dos Rituais servirá se os nossos membros não os utilizam para eles próprios mudarem? É por isso que é suposto os Rituais serem os nossos guias de viagem nesta estranha terra que é a Maçonaria.”

Os Rituais não devem ser meramente estudados e praticados em si, mas utilizados como ferramentas na viagem, no longo e difícil

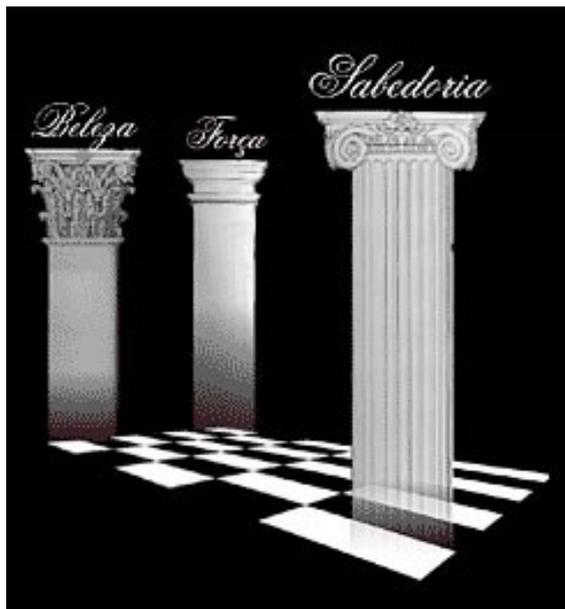
caminhar para o Progresso da Humanidade. Muito embora a Nossa Ordem seja adogmática, ensina, subtilmente, que tudo vem do interior, e que apesar de tudo nós devemos aperfeiçoar-nos. No entanto, o aperfeiçoamento individual não é o principal objectivo, pois a nossa terminologia, os símbolos do Templo da Humanidade e do Progresso da Humanidade, mostram-nos claramente que o nosso objectivo é colectivo. Um ser humano melhor é simplesmente um ser humano que pode contribuir para a aperfeiçoamento da Humanidade. Assim devemos colocar em evidência o que temos em nós de bom, e com isso agir sobre os outros. Quanto mais utilizarmos a nossa sagacidade, a nossa compreensão e o nosso interesse pelo outro, mais poderemos ser úteis ao próximo.

O conhecimento gera compromisso! Sem compromisso, o conhecimento é vaidade! Eis, para nós, o compromisso de um maçom.

MJT, M.:M.:



## O Quarto Pilar



De acordo com o Rito Escocês, três pilares devem estar em esquadro nos ângulos do quadrado oblongo, um a oriente-meio-dia, outro a ocidente-meio-dia, e outro ainda a ocidente setentrião. Segundo Ragon, “o nome dos três pilares, sustentáculos misteriosos dos nossos Templos, são a Sabedoria (para criar), a Força (para dirigir) e a Beleza (para adornar)”.

Poderemos dizer que, este conjunto, é a base de tudo, e complementar. Se é verdade que é necessário a força para dirigir, também não o deixa de ser na necessidade de o fazer com e em Sabedoria, e por consequência tornando-a Bela. Mas poderemos partir para outros exemplos, como a vida. Ao longo das nossas vidas necessitamos de Sabedoria e Força num infindável número de situações, para que a mesma torne-se ou mantenha-se Bela, ou procuramos a Beleza, a Natureza, as Artes, para alimentar a Força e a Sabedoria necessárias para esse mesmo objetivo. No entanto, podemos olhar mais à frente, mais ao alto, e ver o quarto pi-

lar.

Como na vida, também no simbólico há coisas que, embora existam, embora a sua presença seja sentida, apesar de em alguns casos a sua presença e volumetria até ser mensurável, a olho nu são invisíveis. O ar é invisível, a radiação é invisível, etc., isto no campo físico. Mas mais além poderemos ainda incluir o sentimento como invisível, a fé, entre outras que, embora não físicas, existem, são sentidas e às vezes percecionadas por quem repare melhor no que vê!

O quarto pilar, o não visível, poderemos especular que possa representar tudo o que existe, mas que não é observável, ou metafísico, ou correspondente a interação sem contato. E assim sendo, podemos interpretar o quarto pilar como a soma dos outros três.

Façamos então a análise dos exemplos supracitados:

O Ar – a força do vento, a beleza da brisa que acaricia a folha que brota da árvore;

A Radiação – uma vez mais a força em



forma de energia, a beleza que pode levar quando utilizada e manipulada com sabedoria.

O Sentimento – a força arrebatadora de um sentimento seja ele positivo ou negativo é evidente, a beleza de um sentimento puro e nobre pode emocionar, a sabedoria que um sentimento positivo ou negativo pode revelar sobre nós ou sobre os outros pode ser de grande importância;

A Fé – já ouvi dizer que “move montanhas”, mas também pode mover guerras, ou pode movimentar uma massa humana num objetivo comum, uma clara demonstração de força, a beleza da fé também é evidente, na busca da esperança, ou na simples demonstração de devoção, a sabedoria que pode trazer na arte de viver.

Estou certo que para muitos, outros exemplos podiam substituir estes que enunciei, mas em todos existe o fio condutor do invisível, físico ou metafísico.

Porque não abordar o entrelaçamento quântico? Que força, que beleza e que sabedoria está por detrás de uma força que, ao movermos uma bola aqui, do outro lado do mundo com uma bola similar, se entrelaçada quanticamente, move-se instantaneamente no mesmo sentido? Estará a ciência a estudar o seu “quarto pilar” neste momento?

O quarto pilar, elo de ligação entre o Visível e o Invisível, e a Inteligência Suprema, existe invisível aos nossos olhos. Também neste, imaterial, podemos teorizar que é o pilar do espírito, da fé, da esperança, do divino, ou das coisas que vivenciando no dia à dia, são imateriais e transcendentais, como a intuição, o acaso certo, o pressentimento, etc...

Por outro lado, podemos também dizer que o quarto pilar pode representar os elementos da loja, os presentes em ritual.

São eles, os Irmãos que compõem a Loja, que pelo rito, pela presença e energia, pela reflexão, materializam o quarto pilar, e em consequência, porque não referir que o quarto pilar pode ser materializado com a Egrégora da loja, iluminada pela luz coletiva dos seus elementos. Ou a própria Egrégora em si, uma vez que na sua definição é “capaz de realizar no mundo visível e palpável as suas aspirações transmitidas ao mundo invisível pela coletividade geradora, participa ativamente de qualquer meio, seja ele físico ou abstrato”.

Podemos então dizer que pelas suas características, o quarto pilar da Loja é o último a erguer, e o primeiro a cair!

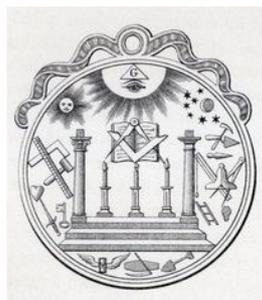
J.H., M .: M.:



As Colunas—Sabedoria, Força e Beleza. — os Correios do Brasil lançaram em 20/agosto/2004 um conjunto de selos sobre maçonaria, representando elementos e símbolos maçônicos.



## O Percorso Iniciático e a Loja



“Onde buscar neste início de milénio a Iniciação? Em Si, Por Si. E ainda? Na natureza, na Terra, no espírito da Água, no Espírito do Ar, no Fogo...na relação inesperada e criadora mantida com a feminilidade [...], longe, muito longe de todas as convenções humanas.”<sup>1</sup>

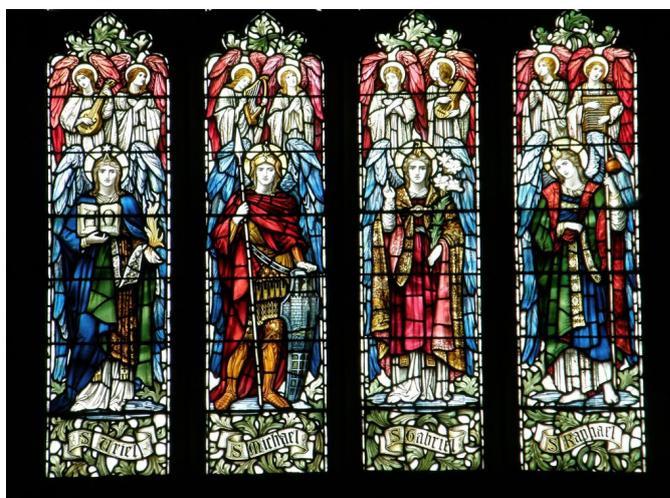
A Maçonaria define-se a si mesma como uma organização que visa a Iniciação do Profano, propondo-lhe, na sua entrada, um método iniciático e ritualista, para que ele possa dar início a um processo de mergulho em si mesmo e de trabalho sobre o seu mais profundo *Eu*, de forma a que possa encontrar a Pedra Filosofal de que *Hermes Trismegistus* falava na Tábua de Esmeralda. É este o grande objectivo da Maçonaria: tornar homens e mulheres bons em homens e mulheres ainda melhores, transformando-os em Iniciados.

Um profano pode-se sentir atraído pela Maçonaria por diversas razões: curiosidade, busca de ambiente de partilha de conhecimento, busca de um caminho de pesquisa, busca de si mesmo. No entanto, nunca saberá o que encontrará antes de que se torne um de

nós, antes de ser sujeito às provas e de verificar em si próprio o efeito do método que lhe foi proposto e a que ele se sujeitou e admitiu submeter-se.

A Maçonaria pode atrair pelas mais variadas razões e o Aprendiz poderá encontrar nela, o que esperava encontrar enquanto profano, ficar desgostoso com o que encontrou ou, idealmente, encontrar mais do que esperava, encontrando o caminho para a sua essência e para o seu percurso pessoal de descoberta de si mesmo.

Tudo depende do profano, das suas expectativas, desejos e vontade de mudar; depende da L.: e dos Ilr.:, da atenção com que o percurso do Aprendiz, depois tornado Companheiro, irá merecer; depende do rigor com que o método é aplicado e do rigor com que o Ritual é praticado.



Na tradição cabalística, os quatro elementos são frequentemente representados pelos quatro arcanjos: Miguel/Michael, Rafael, Gabriel e Uriel/Auriel.

## O Pedido

Quando um profano hoje bate à porta fá-lo com algumas expectativas que dependem da sua auto-imagem e da imagem que faz de uma Ordem que entende como secreta por mais que estejam na internet e nas notícias informações em quantidade tal que tudo se encontra desvendado. Apesar disso, o Profano bate com a noção de que há algo mais para além do que é mostrado, com a noção de que o processo iniciático encerra segredos que não constam dos livros ou do mundo virtual.

Procura algo: a fraternidade, a partilha de um caminho e por vezes, a transcendência e a Iniciação. Talvez até nem saiba que a procura. Apenas sabe que é atraído pelo desconhecido e que pretende deixar-se modificar pelo que se encontra para lá do umbral.

A primeira abordagem de um membro da Loja ao profano que bate à porta terá como objectivo perceber as suas intenções. Há que ter em conta que esta tarefa encerra em si a maior das dificuldades porque, muitas vezes, nem o próprio as reconhece, são muitas vezes inconscientes. Podem assumir-se como necessidades de segurança, de pertença, de reconhecimento ou de realização por parte do profano. Apenas esta última conduz a uma verdadeira iniciação, só quem sente a necessidade de realização pessoal está disponível para sofrer uma verdadeira iniciação, já que esta corresponde a uma transmutação do Ego para o seu encontro com o Ser, expresso de forma



Estrutura de alguns dos Ritos Maçónicos representados como se de uma escada se tratasse..

simbólica pelo encontro que o iniciado fará com a sua pedra cúbica em ponta. No entanto, pode ser importante que sejam satisfeitas as primeiras necessidades antes de que a necessidade de realização desponte portanto o não reconhecimento desta última não deve ser um impedimento para a aceitação do profano, desde que se mostre livre, de bons costumes e se consiga reconhecer nele o potencial para fazer o caminho.

Ninguém pede a entrada aos 20 anos como o fará aos 40 ou aos 50. Os percursos de vida, a maturidade, as experiências pessoais, a proximidade da morte, assumem referenciais diferentes em fases diferentes da vida, pelo que a disposição e as necessidades identificadas pelo candidato são muito diferentes ao longo da vida. Há portanto que olhar para o candidato e tentar vê-lo no momento da primeira conversa mas também tentar imaginar como se incluirá na Loja e como se relacionará com os membros da Loja.

A entrada de um recipiendário não o muda apenas a ele mes-

mo, muda toda a Loja. Cada um dos Ilr.: e a Loja como um todo irão sofrer alterações com a sua presença. Serão essas alterações identificáveis? Será que são úteis para a Loja enquanto elementos de coesão e de reforço da fraternidade e do espírito que preside à construção e elevação do trabalho do grupo e de cada um sobre si próprio?

A Iniciação, enquanto processo de transformação, começa verdadeiramente no momento da Audição sob Vendas. É este o primeiro momento em que o candidato se vê confrontado consigo próprio. É este o momento em que o candidato se vê confrontado com a Loja. Ainda enquanto espectro, ainda enquanto espaço do qual não lhe é permitido partilhar. Apenas é aceite nesse espaço para ser testado. E esse teste é um confronto, um mergulho no interior de si mesmo, em que os membros da Loja são em simultâneo participantes e espectadores, motivadores e assistentes.

Não é um processo lúdico para nenhuma das partes mas um

verdadeiro processo alquímico. A passagem sob a venda corresponde ao processo alquímico de decomposição, a primeira fase de uma verdadeira iniciação, pelo que considero que esta passagem já faz parte integrante do processo iniciático. Sentindo-o em nós mesmos no momento em que estivemos sob venda e no momento em que nos confrontamos com a solidão face ao Si, com a solidão face à pergunta, com a solidão face à resposta. Nessa altura percebemos realmente que o caminho iniciático é um caminho solitário.

Para que o processo alquímico de decomposição tenha lugar é preciso que haja a actuação de um sal. Neste caso o sal é a palavra, o som, o verbo, a linguagem. A linguagem que tem na sua essência o Ser mas que é usada para esconder o Ser. Por isso, como diz Rémi Boyer, “A dificuldade está na utilização da linguagem para dissolver a linguagem. É a arte de saber usar um veneno para lutar contra os efeitos devastadores desse veneno”.

Na audição sob venda, as impressões recolhidas durante as três entrevistas, subscritas anonimamente por três Mestres, serão aferidas por toda a Loja. Acto importante este, uma vez que todos os Ilr\ se sujeitam à mudança conjuntamente com o candidato e, ao aceitarem proporcionar ao candidato a entrada no Caminho, estão também a aceitar serem tocados por ele. E de tudo isso todos devem estar conscientes.

Devem fazer a si mesmos as perguntas: o que pede o candi-

dato? Segurança? Será que a Loja está preparada para lhe fornecer este espaço securizante? Se a necessidade é a pertença ou o reconhecimento, será que é possível aos membros da Loja satisfazerem essas necessidades, que poderão revestir-se por vezes até em aspectos tera-



Eugène Delacroix, *Hamlet e Horácio no Cemitério*, 1839, óleo sobre tela, Museu do Louvre

pêuticos ou reconciliadores do indivíduo consigo próprio?

Se as necessidades que predominarem forem as de realização então e apenas então, estaremos perante uma demanda por um percurso iniciático. Aí a pergunta deve ser? E a Loja como um todo tem capacidade para responder a este pedido? Não poderá corresponder-lhe se não houver Mestres que tenham sofrido eles próprios esse processo. Ninguém reconhece esta necessidade nem pode ajudar o outro na sua demanda sem ter passado ele próprio pelo processo.

Há que tomar em atenção que quando predomina a necessidade de realização, o Aprendiz poderá tornar-se um indivíduo por vezes muito inquieto, cansativo

e difícil, pois, se ele sofre um verdadeiro processo iniciático, a desconstrução real será a pedra de toque, o que poderá colocar desafios acrescidos à Loja. Se esta considerar que não pode cumprir a sua missão deve indicar-lhe um outro Oriente, mas nunca recusar a sua entrada, porque esta é a busca mais importante a que alguém pode ser sujeito.

As suas emoções podem encontrar-se, durante este processo, de tal forma fundidas com as suas reacções mentais que poderão ser dominadas por estas e o buscador pode tornar-se mesmo agressivo para os que lhe estão mais próximos e que podem ter a tentação de o afastar da sua demanda, tornando-se excessivamente individualista ou auto-confiante. A família e os grupos onde este se relacione podem ser afectados por este comportamento. Como diz Alice Bailey,[2] “... *O aspirante, o leão de Judá, tem de matar o leão da sua personalidade. Tendo emergido da massa e desenvolvido a individualidade, ele tem então de matar aquilo que ele criou, ele tem de tornar inútil aquilo que fora o grande agente protector até o tempo actual. O egoísmo, o sentido de auto-protecção, tem de dar lugar ao altruísmo que é literalmente a subordinação do ego ao todo.*”

Este facto, que se aplica a qualquer aspirante à via iniciática, aplica-se tanto ao recipiendário recém entrado na Loja, quanto aos Ilr.: que partilham a vida da Loja, pelo que é muito importante para todos a percepção deste processo para que o Ilr-mão que por ele passa possa ser

apoiado no seu percurso e não fique preso num processo que, vivido sozinho, sem que ninguém se aperceba, pode revelar-se extremamente perigoso.

Viver um período em que tudo se centra na procura de um sentido para o que se vê, faz e sente, procura de um sentido para os acontecimentos. Situações há em que o perigo real é de que o caminhante se perca nesse caminho pelo que assume uma importância extrema a fraternidade e a partilha de experiências. Alguns ficam tão perturbados que podem não voltar... e alguns abandonam mesmo o grupo que identificam com o agente que lhes roubou a tranquilidade. E então poderá haver mais um “louco”. Os Mestres têm advertido para este perigo e têm por isso reforçado o sentido da relação do Mestre e do Aprendiz.

Creio ser da maior importância que o proponente para entrada num caminho iniciático seja entendido pelos Ilr .: antes mesmo por vezes, que ele se entenda a ele mesmo e que, enquanto Recipiendário possa ser acompanhado de forma a que revele todo o seu potencial e possa tornar-se, ele mesmo, um Mestre.

Deixo a pergunta: como o faremos?

### **A Iniciação – Saída das trevas para a luz**

Mircea Eliade refere-se à iniciação do ponto de vista filosófico como sendo “equivalente a uma

modificação ontológica do regime existencial” o que significa que a iniciação implica uma mudança radical do pensamento e da acção daqueles que escolhem percorrer o caminho que conduz à iniciação no qual o iniciado efectua um percurso que começa nas trevas e se dirige à luz. Este, ao aceitar viver uma morte simbólica para depois poder viver um renascimento espiritual, também ele simbólico, mas sem deixar de ser real, pretende deixar para trás o homem velho, o qual desaparece no momento da iniciação, para dar lugar ao novo homem, aquele que pretende caminhar para a luz e a compreensão de si mesmo e da sua ligação com o transcendente.

O iniciado que começa o seu caminho na fraternidade percorrendo os passos que conduzem à iluminação toma, perante si e o grupo, uma série de obrigações. Essas obrigações, como sejam a estrita observância da lei moral, a descrição que se traduz na Franco-Maçonaria no compromisso de não revelar segredos em frente a profanos, a disciplina, o silêncio e a solidariedade. Estas formam, de acordo com Adrian Mac Liman [3], a

pedra angular da verdadeira iniciação.

A iniciação Maçónica intriga o mundo profano e leva-o a questionar os propósitos da Fraternidade porque desconhece o seu significado. E o profano que se propõe integrar a Franco-Maçonaria só poderá entendê-la em plenitude se puder viver os momentos e participar no processo. Esta vivência incorpora no recipiendário a simbólica, cujo significado desconhece ainda, mas que o torna receptivo para o estudo e o desvendar do que se esconde por trás dos símbolos, de forma a entender o sentido do que lhe ficou como impressão indelével de uma das mais fortes experiências que o ser humano pode experimentar.

Irène Manguy [4] refere:

“A iniciação Maçónica pede [ao Maçon] que a transformação simbólica representada no dia da recepção de todo o candidato ao grau de Aprendiz, se torne em seguida real e seja fonte de uma renovação contínua, de uma regeneração do corpo, da alma e do espírito, no seio de uma força de construção que permite fazer eclodir em si



aquilo que é autêntico, verdadeiro, positivo e luminoso”.

O termo iniciação é posterior na sua gênese ao termo iniciado, sendo mencionado pela primeira vez no Séc. XVIII, enquanto que a palavra iniciado data de cerca do Séc XIV. O termo iniciação refere um processo, enquanto o termo iniciado é estático e designa um estado constatado.

O termo *iniciação* provem da palavra latina *initiatio*, palavra que se encontrava ligada aos Mistérios estando na mesma origem do verbo *iniciar*, o qual se referia à entrada nos Mistérios. Ambos se referem a um começo e estão associados ao verbo *inere* que significa entrar, começar, empreender, ou seja *iniciação* é o começo de uma progressão, o início de um percurso que deve ter como objetivo o desenvolvimento harmonioso do candidato de forma a levá-lo a atingir a proximidade de um estado de perfeição. Ela pressupõe uma passagem, uma mudança, uma morte / renascimento.

Considerando a sua origem, a iniciação em Franco-Maçonaria parece incluir os dois conceitos, de *initium* e de *téleté*, reunindo em si duas ideias complementares, o início, a morte simbólica e o renascimento para uma outra condição bem como o caminho, o percurso para a iluminação interior. A iniciação Maçónica constitui um início, um projecto e um processo.

Existe uma imagem clássica que ilustra bem o conceito de iniciação Maçónica: “Tal como um grão deve morrer para renascer a planta a partir dele, o neófito

é uma planta nova que começou a germinar e se vai desenvolver numa nova forma”. Ao iniciado são fornecidos os primeiros utensílios para o seu auto-conhecimento que ele usará de acordo com as suas capaci-



Elias Ashmole, pintura de John Riley, National Portrait Gallery, Londres. Viveu no Século XVII, tendo sido Maçon.

Interessou-se e estudou profundamente a alquimia, entre outras áreas e publicou uma compilação de poemas alquímicos denominado *Theatrum Chemicum Britannicum* (1652).

dades, força e inteligência para atingir a beleza do pleno desenvolvimento.

A Iniciação prepara e abre, em primeiro lugar, um caminho de acesso a um certo tipo de conhecimento, culminando todas as iniciações no momento em que o recipiendário recebe “a luz”, ou seja a revelação de uma

ciência sagrada. Pelo conhecimento adquirido o iniciado fica em presença do sagrado. Como diz Irène Mainguy: [4]

*“Pelo conhecimento, o iniciado é colocado na presença do Ser, da Essência, entidade de uma continuidade homogênea, invisível mas presente através das modalidades da criação”.*

A iniciação faz surgir a noção do sagrado e do conhecimento deste, através do qual, o homem arcaico acedia ao conhecimento do significado mais íntimo das coisas, assumindo assim o poder (no sentido filosófico de domínio, compreensão) sobre estas.

A Iniciação é o despertar da consciência do ser relativamente, primeiro, à sua própria identidade e ao lugar que ocupa no Cosmos. Toma consciência que, apesar de estar preso na matéria continua ligado ao todo através da centelha divina que o habita.

Paul Naudon (citado por Irène Mainguy) define a Iniciação como sendo “a ascensão da consciência ao plano das verdades primordiais, da consciência do Absoluto, por via imediata e supra-racional, graças a uma asce-



Avental de Voltaire. Datado de 1778, este avental foi oferecido a Voltaire no dia da sua Iniciação.

se transmitida por filiação tradicional”. A iniciação, pelo efeito súbito que provoca, pode ser comparada ao “Fiat Lux” referido na Bíblia.

O que é o sagrado? Está ou não relacionado com o segredo? A estas perguntas responde Mircea Eliade [5]:

“O sagrado é radicalmente oposto ao profano pelos ritos, pelos sacramentos, o ensino dos mitos. Se o sagrado não é acessível a toda a gente é por um segredo que ele pode e deve partilhar com alguns, aquilo que se transmite. Reparemos também que [...], antes de qualquer iniciação o profano deve ser purificado de qualquer maneira e que esta purificação faz já parte do sagrado. A linha de separação entre o sagrado e o profano é mais subtil do que se acredita geralmente”.

A Iniciação prepara e abre, em primeiro lugar, um caminho de acesso a um certo tipo de conhecimento, culminando todas as iniciações no momento em que o recipiendário recebe “a luz”, ou seja a revelação de uma ciência sagrada. Pelo conheci-



Os talhadores de pedra, Gravura segundo o vitral da vida de Saint Chéron, Chartres.

mento adquirido o iniciado fica em presença do sagrado.

André Doré, citado por Irène Mainguy, precisa que:

*A Iniciação realiza-se em duas vias divergentes: a primeira é a dos ancestrais. Ela surge de uma ascese rigorosa comportando a reclusão subterrânea e a morte iniciática. Esta ascensão espiritual simboliza os níveis de consciência sucessivos necessários para conduzir ao transe extático, a via dos xamãs. A segunda repousa essencialmente sobre os mitos: desce aos infernos, depois acesso ao sagrado pela ascensão de*



Os talhadores de pedra, Catedral de Chartres. Séc. XIII, Gravura segundo o vitral de Saint Chéron.

*uma montanha sacralizada.”*

A Iniciação é assim o despertar da consciência do ser antes de mais em relação à sua própria identidade e ao lugar que ocupa no Cosmos. Toma consciência que, apesar de estar preso na matéria continua ligado ao todo através da centelha divina que o habita.

As cerimónias de iniciação não conferem nada só por si, mas apenas despertam, sugerindo novos horizontes e novas interrogações, novas meditações e novos deveres. Muitos homens e mulheres que passaram por cerimónias de Iniciação não retiraram destas qualquer benefício porque não compreenderam que todo o trabalho permanecia por fazer depois destas.

Trata-se de um percurso solitário, interior, iniciático, com provas tanto mais duras quanto maior é o prémio. O percurso iniciático, se se tratar de verdadeira iniciação, não é um percurso fácil, porque se trata de nos conhecermos a nós mesmos, vencermos as nossas paixões e utilizarmos as nossas forças para ultrapassar os obstáculos, aceitando ao mesmo tempo a nossa condição de imperfeição porque somos humanos mas tentando ultrapassá-la porque somos divinos.

### Transmissão e condições de Iniciação

Diz Irène Mainguy [4]:

“Em todas as tradições, a Iniciação é conferida por um Mestre reconhecido como qualificado, uma espécie de pai espiritual denominado “guru” en-

tre os Hindús, “geronte” entre os Ortodoxos e “Sheik” entre os Muçulmanos. O processo de Iniciação é eminentemente activo uma vez que cabe ao indivíduo tomar a iniciativa de se realizar plenamente segundo o método que lhe é proposto e que consiste em Ritos que englobam gestos simbólicos executados pelo iniciador que actua enquanto anel de uma cadeia de transmissão”.

A transmissão é feita do Mestre ao seu discípulo – no caso da Franco-Maçonaria, do Mestre ao Aprendiz e ao Companheiro – e é tanto mais eficaz quanto mais receptivos estes estiverem para o despertar da consciência. A compreensão do que é transmitido pelo recipiendário está ligado, não só ao seu estado de receptividade, mas também a três qualidades que o Mestre deve possuir: ter a sua consciência desperta para a Luz, realização de um trabalho pessoal e clareza na transmissão da Tradição.

O termo Tradição, de acordo com Paul Naudon [5], assume dois sentidos diferentes: por um lado constitui a fonte do conhecimento mas por outro lado revela-se pelo seu modo de transmissão. A primeira é imutável e absoluta; a segunda é o resultado sincrético da busca milenar da consciência que tem sido seguida pela humanidade e pelas sucessivas civilizações.

O iniciado, tal como Hércules, sujeita-se voluntariamente às provas. Ele vai sendo, ao longo de todas elas a pedra que ele mesmo irá polir. Cada iniciado digno desse nome tem que ser à partida um membro já altamen-

te desenvolvido da família humana. Para ser iniciável, ele já deve trazer dentro de si a sede da mudança e tem que ter já, altamente desenvolvida a sua trindade, o seu Ser: a mente, bem provida e capacidade de discernir a dualidade onde se move e que ele mesmo encerra; a sua natureza sensível e emocional que estando em confronto consigo e com os outros deverá saber retirar desse caminho a sagesa; o corpo físico que irá permitir ao Maçon a vivência do



Rito e a interacção com o símbolo, fazendo aceder à Alma a compreensão das suas vivências.

Ao longo das provas, Hércules, o filho do Homem e o filho de Deus, assume cada vez mais a sintonia entre estas duas qualidades até ter alcançado “o pleno desenvolvimento nos quatro departamentos da sua quádrupla personalidade! Citando Alice Bailey: “O homem, dizemos, é o cubo, a cidade quadrangular. Fisicamente, emocionalmente e mentalmente, ele estava desenvolvido e a estes três factores, junta-se um quarto, a Alma na posse consciente do seu mecanismo, a personalidade desenvolvida.” [6].

Ao longo do percurso, o Iniciado, tal como Hércules vencerá

as provas que lhe são colocadas, algumas provocadas pelas circunstâncias da vida, outras, procuradas por ele próprio e outras ainda que lhe serão colocadas pelo próprio processo iniciático, à medida que percorre a via do discípulo.

Terá que aprender a deixar o seu ego-centrismo, adquirir o equilíbrio na Coluna do Meio, a vitória sobre o desejo e a libertação de si mesmo.

A competição e a posse devem ser deixadas à porta, deve morrer a sua ambição, mesmo aquela de ser Iniciado, para que possa tomar posse da sua pedra filosofal. A busca de si deve transformar-se na descoberta de si na solidão, no seio da Terra, fazendo o caminho do VITRIOL que lhe foi proposto no primeiro da em que viu a Luz.

Ele descobre-se como um indivíduo, de forma lenta, por vezes dolorosa, sempre libertadora.

Será o caminho iniciático um caminho solitário? Esta é uma pergunta da maior importância, quer para o aspirante, quer para todos aqueles que poderão já se encontrar nesse caminho.

Poderá um homem ou uma mulher de mente bem equilibrada e vontade intrínseca de efectuar o caminho, tornar-se um adepto, trabalhando sozinho com perseverança e força de vontade? Será que a presença do Mestre interior será suficiente para que o caminho seja feito e o Adepto se torne um Iniciado?

Helena Blavatsky, uma Adepta que tão bem conheceu este caminho, tanto em si mesma, quanto em outros que o procuraram, responde à pergunta

“poderá ele tornar-se um adepto percorrendo o caminho sozinho?”: “Ele pode, mas há dez mil hipóteses contra uma para que ele fracasse. Por um motivo entre muitos outros, o de que não existem, nos nossos dias, livros sobre ocultismo ou Teurgia, que transmitam em linguagem simples os segredos da alquimia medieval, ou da Teosofia. Todos são simbólicos ou em parábolas, e como a chave para estes se perdeu há séculos no Ocidente, como pode um homem saber o significado correcto do que está lendo e estudando? Quem não tiver um iniciado como mestre melhor será que não se dedique sozinho ao estudo de assuntos perigosos. “

Vivemos, eu e vocês, uma parte muita importante da nossa existência, talvez a mais autêntica e profunda que nos será dado viver, no seio da Loja, no seio de um espaço ritualizado, no seio de um “tempo do não tempo”. A nossa experiência pode, neste contexto ser incluída em vários referenciais, incluídos uns nos outros, qual matriosca. Rémi Boyer refere-se a eles:

“Quatro quadros se encaixam uns nos outros: o quadro institucional, o quadro partenarial, o quadro do projecto individual e o quadro do trabalho iniciático. O quadro institucional é definido pela orientação da Ordem ou do Rito, pela doutrina da Ordem, pelas regras da Ordem e é manifestado pela Loja. [...] É securizante, reconfortante. É envolvente. Isso quer dizer que o indivíduo se sente preservado no seu interior. Nesse interior ele vai explorar a sua interioridade própria e enfrentar as pro-



blemáticas inerentes a um verdadeiro processo iniciático, mas também partilhá-las com os seus Ilr.:. e Ilrª.:. de aventura. O quadro partenarial está inscrito no contrato da Loja. A Loja assumiu um compromisso de acompanhamento do sujeito que, por seu lado, se inscreveu como parceiro de uma aventura intelectual e espiritual ao mesmo tempo. [...] O quadro do projecto individual reclama três tipos de aliança: uma aliança com um referente, uma aliança com o Venerável da Loja e uma aliança com o Si. [...]

Por fim resta o quadro do trabalho iniciático. [...]

As práticas de uma Ordem realmente iniciática concorrem todas para uma Zona de Silêncio. Para fazer com que o diálogo interno e as emoções reactivas cessem, para o mergulho nesse intervalo infinito no qual se encontra o Ser, a nossa própria natureza. [...]

O instrutor sabe que, por detrás de um exercício, se esconde sempre um outro exercício. Cabe-lhe a ele determinar qual é o exercício apropriado, sob que forma, com que dosagem, com que frequência, tomando em conta a estrutura psico-física do praticante”. Fim de citação...

“Quando o discípulo está pronto o mestre aparece”.

Possamos nós reconhecer o chamamento e possamos nós sentir que estamos à altura dele.

MJF, M.:.M.:

Referências:

Adrian Mac Liman é Presidente do Centro Ibérico de Estudos Maçónicos Bailey, Alice, “Os Trabalhos de Hércules”, Fundação Cultural Avatar, Niteroi, 2008

Boyer, Rémi, “A Tradição Maçónica e o Despertar da Consciência”, co-edição Zéfiro e Arcana Zero, Lisboa, 2009

Eliade, Mircea, “The Sacred and the Profane », Harcourt, Inc., London, 1987

Mainguy, Irene, “Les initiations et l'initiation maçonnique”, Ed. Jean-Cyrille Godefroy, Paris, 2008

Naudon, Paul, La Franc-Maçonnerie Chrétienne, Paris, Ed. Dervy, 1970, referencia efectuada por Irène Minguy na obra citada, pg. 50

Naudon, Paul, O Humanismo Maçónico, Ed. Dervy, 1963, citado por Irène Mainguy,



## Celebração de S. João de Verão



Aurora boreal, Lapónia. Fonte: [www.peplum.com](http://www.peplum.com)

Todos nós sentimos os ventos da mudança, desta vez uma mudança que nos exige que desçamos ao mais profundo de nós, ao lugar onde nos reencontramos com o que de mineral, vegetal, animal existe em nós, com o que nos torna semelhantes a todos os que habitam este Universo e respiram e vivem nas alturas povoadas de estrelas e nas entranhas profundas do planeta Terra.

Foi aqui que nascemos, será aqui que vamos morrer. Será aqui que resistimos à mudança e somos chamados a mudar. Foi aqui que tivemos o privilégio de nascer como seres humanos, mas carregando a responsabilidade de podermos ser os maiores predadores do planeta ou de podermos adquirir o pleno desenvolvimento da consciência de que somos Um com todo o Universo e de respeitamos amarmos o Todo, servirmos o Todo, fundirmo-nos com o Todo, o Universo manifesto que é e será sempre dual, mas que encerra em si a possibilidade de exercermos o livre-arbítrio e de podermos optar por uma das duas vias e de podermos, porque não?, seguir a via do meio.

Que nesta comemoração os nossos espíritos se elevem acima de todas as nuvens da ignorância de forma a podermos recuperar, transmutar a escuridão em LUZ, o Fogo em AMOR/COMPAIXÃO, responsabilizarmo-nos alegremente por aquilo que somos e por tudo o que podemos fazer juntos. O Verão é a estação madura, já não somos crianças indefesas, mas crescidos o suficiente para compreender e seguir o sentido da vida e tomarmos em mão a nossa quota parte de responsabilidade por tudo o que acontece neste planeta.

Estes últimos tempos têm sido como que uma “noite escura da alma”.

Em Portugal há precisamente um ano o nosso país ardia em chamas e provocava sofrimento, dor, morte..., mas encerrava nessa completa escuridão luminosa a possibilidade da renovação, do despertar para a Vida, do regenerar e transmutar.

Era como se Portugal estivesse a clamar pelo despertar, estivesse a chamar por nós, sementes solares para que recuperássemos o Amor da vida, o res-

peito por todas as formas de vida e acordássemos para a destruição que causamos silenciosamente, não como o fogo que tudo destrói, não, é silenciosamente com a ganância do poder, da ambição, da riqueza, do egocentrismo, esquecendo-nos dos outros e de todo um planeta que nos acolhe. Mais uma vez olhando-nos egocentricamente, esquecendo-nos que enquanto planeta somos um microcosmo desse macrocosmo que é o Universo, manifesto e não manifesto, que apenas fazemos parte de um sistema solar que é quase infinitamente pequeno comparado com a imensidão de todo o Universo.

Mas não é só Portugal, é todo o mundo.

Como se não bastasse aquilo que mais prezamos e a todo o custo desejamos acarinhar e proteger, ou seja, as crias humanas, são as que hoje estão a ser sacrificadas, quando julgávamos que isto não podia mais acontecer.

Acreditámos que a guerra nazi nos tinha mostrado o suficiente e que isto não mais se repetiria.

Viemos para ganhar consciência, consciência do Todo, do outro, da Vida, do Amor, para aprender com os erros e felizmente que trouxemos em nós a capacidade e a vontade de mudar, porque a impermanência é o que temos de mais certo na vida. Isso e a morte, mas mesmo a morte será o fim ou apenas um estado de impermanência e a passagem, como dizemos entre maçons, para o Grande Oriente?

Este mundo tem-se tornado violento para nós, para todos os seres sencientes, para a Mãe Terra que nos acolhe e nos oferece a sua riqueza de variedade, a sua generosidade na abundância, mas que nós pensamos em destruir, aniquilar, tornar infértil.

Estaremos a cometer suicídio colectivo inconsciente?

Deixámos de nos respeitar, vivemos numa turbulência frenética e permitimos o desAmor, a desafeição por tudo o que aparentemente não nos traz benefício.



S. João da Cruz, pintura Século XVII. Convento das Carmelitas Descalças, Granada, Espanha. Pintor anónimo.

Juan de La Cruz foi um *místico, sacerdote e frade carmelita espanhol, venerado como santo pelos Católicos, que viveu durante a segunda metade do Séc. XVI. Foi um dos mais importantes expoentes da Contrarreforma., tendo sido, juntamente com Santa Teresa de Ávila, o fundador dos Carmelitas Descalços. Ficou conhecido pela sua poesia, sendo seu o poema "A noite escura da Alma". Foi um pesquisador incansável sendo as suas obras sobre o crescimento da alma consideradas obras máximas da literatura mística.*

Juan de La Cruz foi canonizado em 1726 por Bento XIII e é um dos Doutores da Igreja Católica

No entanto, como já referi, temos a capacidade de aprender com os erros e é errando que podemos adquirir consciência e crescer. No fundo, não é mais do que uma dura aprendizagem para podermos vir a povoar ainda mais o céu de esplêndidas estrelas, tornarmo-nos sóis dispostos a sermos dadores de vida sem julgamento.

Também podemos perceber que a nossa consciência está em expansão e que a humanidade tem a possibilidade de se elevar para um novo nível de consciência e de compreensão. As nossas vidas, o nosso relacionamento e o nosso mundo estão em mudança.

Precipitado pelos acontecimentos que nos fazem despertar, "as estruturas do passado estão em colapso e uma consciência mais profunda do nosso propósito neste planeta está a emergir"\* . Como resultado, tudo está a mudar e cada vez mais percebemos que nada é certo e imutável, apenas o Amor é a argamassa que pode unir as pedras da Catedral Cósmica.

Neste momento, Urano que, segundo a astrologia cabalista, expressa Hochmah, 2ª sephira da árvore da vida, que é Amor-Sabedoria, a Coroa da Criação e o Esplendor da Unidade Suprema da qual mais se aproxima, transitou para o signo astrológico de Touro (signo de Terra, ou seja, de acção, de materialização, regido por Vénus que expressa Netzah, Beleza, a Esfera do Esplendor).

"Este trânsito significativo convida a que uma nova consciência



Noite de Cristal. Foto . Na noite de 9 de novembro de 1938, noite conhecida como “noite de cristal” teve início a onda de violência contra os judeus na Alemanha. Embora os ataques parecessem espontâneos e entendidos pela população como uma revolta pela morte de um oficial por um adolescente judeu em Paris, eram o resultado de uma campanha organizada pelo ministro alemão da propaganda, Joseph Goebbels como parte de um plano maior de eliminação dos Judeus. Num período de apenas dois dias, mais de 250 sinagogas foram queimadas, cerca de 7.000 estabelecimentos comerciais pertencentes a judeus foram destruídos e dezenas de judeus foram mortos. Cemitérios, hospitais, escolas e casas judias saqueadas, tudo ante a total indiferença da polícia e dos bombeiros bem como da população devido aos vidros estilhaçados nas vitrines das lojas, sinagogas e moradias de judeus. Esta foi a noite primeira de um período bem conhecido da história.

cia se desenvolva na relação como existimos fisicamente na Terra”\*. É hora de nos esforçarmos para exprimirmos o paraíso na Terra. Os Maçons trabalham na coluna do rigor, são os descendentes de Caim que procuram criar o paraíso na Terra, com a visão de que o que está em baixo é o reflexo do que está em cima. A humanidade na sua escalada para uma consciência mais plena, ao subir a Árvore da Vida tingirá esta visão do paraíso e proporcionará desajustamentos entre o mundo de cima e o mundo de baixo.

O que é sagrado?

O que é profano?

Onde nos queremos situar?

Queremos ouvir/ver o mundo de cima, aquele que nos é expresso por Tipheret, que se expressa segundo o modelo original?, ou queremos reflectir uma

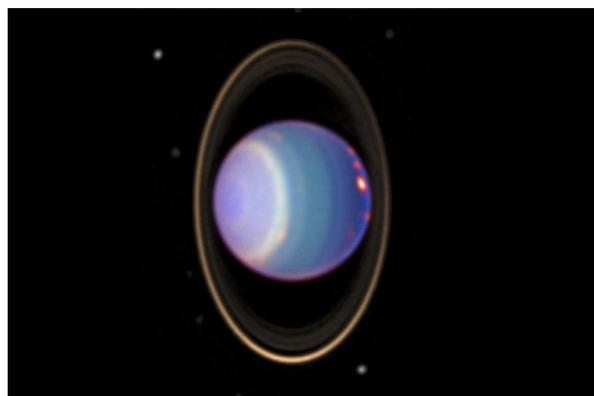
verdade distorcida, tal como os artistas que reproduzem hoje não o Céu, a sua luz, as planícies, o trigo dourado, as colinas, as flores, os cânticos das esferas, mas sim um mundo mórbido, inóspito, moribundo?

A esfera Netzah, da Beleza está bloqueada, Urano transita sobre Vénus e nos próximos anos teremos de, com o nosso esforço, restaurar a pintura, reproduzir, na tela planetária, a Natureza no seu esplendor, mostrando o abuso que estamos a sofrer, seja ele manifesto, revestindo diferentes formas ou assumindo formas mais subtis.

“O abuso planetário que é o nosso vício do petróleo, o consumo de todos os recursos, a poluição e o desperdício”\* desmesurados, mais as guerras, os governos instáveis, a ganância corporativa e a falta de direitos humanos básicos mostram-nos que estamos a viver um momento crucial da nossa história humana.

Como maçons urge que mudemos de pontos de vista sempre apontando para os mais altos ideais da humanidade.

“Estamos a passar de um processo evolutivo inconsciente, que é governado pela seleção



Planeta Urano. Foto do planeta tirada em 1998 pelo telescópio Hubble (na gama dos infravermelhos). São visíveis os seus 4 anéis e 10 dos seus 17 satélites. Fonte: [www.jpl.nasa.gov](http://www.jpl.nasa.gov)



Gustav Klimt. Árvore da Vida. 1909. Óleo sobre tela. . Museum of Applied Arts, Vienna, Austria

natural, para um processo evolutivo consciente, que é uma escolha”.

uma escolha poderosa de destruição ou co-criação.

“O abuso total deste planeta não é mais uma opção. A dura realidade é que, a menos que mudemos os nossos modos e mudemos o nosso foco para formas de vida mais sustentáveis, a humanidade não sobreviverá”.

Façamos votos para que ao queimarmos hoje o rol com os nossos nomes possamos renascer para a mudança que o momento exige de nós e tornarmos nos mais unos com o Universo.

Sejamos os promotores da mudança assumindo o papel que nos cabe de elevarmos a nossa consciência, de sermos a cabeça e não a cauda da serpente que representa a humanidade. Ao nos alinharmos com as forças cósmicas desta nova era sejamos a mudança, sejamos a cocriação desta nova realidade

da Terra para que uma nova vida surja e prospere.

Uma vez que a nossa Grande Mãe Terra continua a teimar em mostrar a sua beleza, como mostram as lindas flores que temos aqui no Templo, festejemos o Verão com júbilo e estima. Cultivemos o fogo do Amor e da Amizade.

Partilhemos com alegria estes momentos de meditação e celebração.



À esquerda, imagem da erupção do vulcão Kilawea no Hawai, À direita imagem dos padrões da lava consolidada após escorrência. Fonte: internet



Sejamos os construtores desta nova era. Elevemos os nossos corações. Contribuamos para a construção deste mundo novo.

“No início de Maio, vimos o vulcão Kilauea, no Havai em erupção. Diz-se que o vulcão Kilauea é a casa de Pele, a deusa havaiana do fogo, conhecida como criadora e destruidora”\*. A evolução consciente exige que expandamos a nossa perspectiva para além das nossas necessidades imediatas e levemos em consideração o planeta e toda a vida.

Acreditemos na vida e estejamos atentos aos novos processos e estruturas sociais que estão a surgir para restaurarmos o ambiente natural.

Mas não esqueçamos que “para mudar a manifestação exterior da vida, é essencial que haja uma profunda transformação interna. Isso implica explorar a essência da natureza de cada um de nós e lembrarmos que o Homem é um microcosmo do Macrocosmos. No nosso núcleo mais profundo, na nossa alma,

que é o éter, habitam os quatro mundos dos elementos: Terra (o mundo físico), Água (as emoções), Ar (o pensamento) e Fogo (o espírito). São estes cinco elementos que unem a humanidade ao resto da criação. Explorar essas forças elementares e despertar a sua conexão com elas reintroduz-nos nos ciclos de evolução da Terra”\*.

A aplicação correta da força criativa destes elementos é fundamental para manifestarmos eficazmente uma nova realidade.

Termino com uma frase do ritual de São João de Verão que hoje celebramos:

“A Paz no mundo depende do desenvolvimento do indivíduo, pois a paz no mundo não pode

ser realizada senão quando cada ser Humano, cada Franco-Maçon crie em primeiro lugar a Paz em si mesmo”.

D.F., M.: M.:

*\*citado no Energy Report - May/June de Kate Spreckley*

<http://www.spiritpathways.co.za>



Personificação dos quatro elementos. Da direita para a esquerda: Fogo (leão), Ar (macaco), Água (cordeiro) e Terra (porco). Excerto de um calendário datado de cerca de 1520. *In The Charles Walker Collection of Mystery, Myth and Magic.*



## Poema



Konstantinos Petrou Kavafis; poeta grego (nascido no Egipto, sob o império Otomano, em 1863, morreu em Alexandria, então já reino independente, em 1933. Um dos grandes poetas do século XIX-XX com lugar de destaque na poesia ocidental.

### ÍTACA

*Quando partires de regresso a Ítaca,  
deves orar por uma viagem longa,  
plena de aventuras e de experiências.  
Cíclopes, Lestrogónios, e mais monstros,  
um Poseídon irado - não os temas,  
jamais encontrarás tais coisas no caminho,  
se o teu pensar for puro, e se um sentir  
sublime  
teu corpo toca e o espírito te habita.  
Cíclopes, Lestrogónios, e outros monstros,  
Poseídon em fúria - nunca encontrarás,  
se não é na tua alma que os transportes,  
ou ela os não erguer perante ti.*

*Deves orar por uma viagem longa.  
Que sejam muitas as manhãs de Verão,  
quando, com que prazer, com que deleite,  
entrares em portos jamais antes vistos!  
Em colónias fenícias deverás deter-te  
para comprar mercadorias raras:  
coral e madrepérola, âmbar e marfim,  
e perfumes subtis de toda a espécie:*

*compra desses perfumes quanto possas.  
E vai ver as cidades do Egipto,  
para aprenderes com os que sabem muito.*

*Terás sempre Ítaca no teu espírito,  
que lá chegar é o teu destino último.  
Mas não te apresses nunca na viagem.  
É melhor que ela dure muitos anos,  
que sejas velho já ao ancorar na ilha,  
rico do que foi teu pelo caminho,  
e sem esperar que Ítaca te dê riquezas.*

*Ítaca deu-te essa viagem esplêndida.  
Sem Ítaca, não terias partido.  
Mas Ítaca não tem mais nada para dar-te.*

*Por pobre que a descubras, Ítaca não te traiu.  
Sábio como és agora, senhor de tanta  
experiência,  
Terás compreendido o sentido de Ítaca.*

*Konstantinos Kaváfis  
Tradução de Jorge de Sena*



### **Preceito Maçónico**

Moraliza pelo exemplo; aceita todas as crenças e todos os cultos mas tem por dever lutar contra a superstição e o fanatismo, como os mais resistentes obstáculos ao progresso humano.

